

Brasil está vivendo clima de véspera de hiperinflação

Há três dias o país está vivendo nitidamente um clima de véspera da hiperinflação e isto está se refletindo nos mercados de ouro, dólar, nas decisões das empresas e no clima das discussões do governo. No Ministério da Fazenda, altas fontes garantiam ontem que não está havendo fuga do overnight, mas sim um aumento da especulação nos mercados de ouro e dólar. Mas a preocupação aumentou principalmente diante da projeção de inflação, feita pelo mercado financeiro, indicando 33% em novembro, taxa que se for anualizada daria o assombroso número de 2.900%.

O secretário geral do Ministério da Fazenda, Paulo Cesar Ximenes, disse ontem que esta é "uma das crises mais graves que o país já teve". Algumas informações preocupantes repousam na mesa do ministro da Fazenda, como a que mostra os aumentos defensivos praticados pelas empresas. Uma dessas denúncias revela o caso de uma loja que oferece um fichário de aço por Cz\$ 344 mil e que, com todos os descontos, o preço acaba sendo de fato para o consumidor de Cz\$ 30 mil. Outra informação que chegou ao gabinete do ministro é de que os grandes magazines, depois da aprovação dos 12% pela Constituinte, aumentaram os preços dos seus produtos, para que mesmo praticando a nova lei não tivessem prejuízo. "Temos nossos amigos e nossos olheiros", disse ontem esta fonte da área econômica. E esses olheiros revelaram que, desde a semana passada, os produtos estão saindo das indústrias com reajustes de 30% a 40%.

Aparentemente contraditório com esse clima é a decisão de liberar totalmente os preços. Isto foi feito porque "não temos gente, nem capacidade de controlar preços neste momento", confidenciou ontem uma importante autoridade do governo.

Estouro — A preocupação dos ministros da área econômica aumentou nos últimos dias porque desde o início da valorização intensa do ouro e do dólar teme-se que o governo tenha dificuldade de financiar seu déficit colocando títulos no mercado. "Não está havendo fuga dos títulos do governo", garantiu uma alta fonte, acrescentando que "se continuam sendo divulgadas notícias desse gênero pode acabar havendo o estouro da boiada". Esse estouro da boiada seria uma fuga desenfreada dos papéis do governo o que precipitaria a temida hiperinflação.

Mas há quem acredite que começou efetivamente uma fuga dos títulos públicos. "Cada cidadão está procurando a sua caverna para se proteger de um furacão que se aproxima", disse o empresário Paulo Francini. Ele teme que os abrigos sejam pequenos demais. O economista Andrea Calabi, que hoje é consultor de empresas, acredita que grandes empresas estão efetivamente trocando o seu portfólio, colocando recursos em outros investimentos. Para o economista Luis Carlos Mendonça de Barros, ex-diretor do Banco Central, a extraordinária tensão dos últimos dias e o crescente descrédito na capacidade do governo de enfrentar a crise indicam que o país está entrando em um turbulento processo que poderá culminar na hiperinflação.

E esse momento não será determinado por um percentual, disse o empresário Paulo Francini, mas sim "a sensação que pode se alastrar de perda de confiança no sistema de indexação". Hoje todas as pessoas estão se perguntando como se defender disso, constata o empresário e por isto estão colocando seu dinheiro em lugar seguro: "Ouro, dólar, boi ou imóvel". Na opinião de Francini esse é o sintoma mais claro da chegada da hiperinflação. Na definição dele o país está como uma dona de casa olhando o leite no fogo. "Ele esquenta, esquenta e em fração de segundos ferve e entorna".

Como resposta, o governo resolveu agora acreditar que a solução poderá vir do pacto social e de um aperto maior no déficit público. Segundo uma alta autoridade da área econômica, está se pensando em reduzir o déficit público a zero no próximo ano, abandonando o gradualismo que previa uma redução para 2% do déficit. O governo acredita que o ceticismo com que o pacto é encarado vai acabar sendo abandonado. "No primeiro acordo mexicano apenas um sindicato assinou. No segundo, todos assinaram", contou ontem um ministro de estado. O governador Newton Cardoso, que ontem falou longamente com o ministro Ronaldo Costa Couto, por telefone, acha que é bom que o governo tenha saído do imobilismo para se engajar no pacto, mas defende que se apresente algo mais palpável. "A crise está se agravando e estamos cansados de palavrrório", disse o governador. Calabi acha que "claramente a situação se agravou na última semana" e que isto mostra a perda de governabilidade. "Afinal existem 13 ministérios e 30 órgãos públicos em greve".